



REPRESENTATIVIDADE X CAPACITISMO NAS ESCOLAS: UM OLHAR SOBRE A AGENESIA DE MEMBROS

Alexandra Teixeira de Araújo ¹
Daniel Souza César ²

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo principal debater a importância da representatividade para as crianças com deficiência física no ambiente escolar, focando principalmente nas crianças com agenesia de membros, discutindo sobre o papel da representatividade e questionando o capacitismo presente no meio educacional. A pesquisa foi classificada como bibliográfica e documental, sendo o material selecionado através de pesquisas e análises, para a obtenção de resultados centrados na relação dos objetos expostos e estudos semelhantes. Os resultados apontaram para a importância de alguns aspectos facilitadores no processo de inclusão do aluno com agenesia de membros, assim como aspectos dificultadores. Portanto, evidenciou-se a relação entre estes dois componentes, como sendo opostos na busca pelo objetivo de garantia ao direito de ocupar um espaço igualitário no meio educacional e na sociedade, sendo a representatividade certamente um caminho para uma verdadeira inclusão e para o fim do capacitismo.

Palavras-chave: Agenesia; representatividade; capacitismo; inclusão.

INTRODUÇÃO

Na busca pela inclusão de crianças com deficiência no ambiente escolar, com ênfase na inclusão da criança com agenesia de membros, que é a ausência total ou parcial de mão, braço ou perna, se tornam evidentes as dificuldades encontradas, se fazendo necessário citar a representatividade como ferramenta importante neste processo.

Para isso é preciso compreender a representatividade, como aquilo que significa representar os interesses de determinado grupo, estar nos espaços de decisão e ter visibilidade. Em outras palavras tornar a agenesia de membros visível, trazendo dessa forma acesso à informação sobre o assunto, assim como a naturalização da diferença de corpos. Segundo Szymanski (2014) (p.5), a representatividade se trata de uma qualidade que permite

¹ Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNIFIC- Faculdades Integradas do Ceará, ale33teixeira@gmail.com

² Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará - UECE prof.danielcesar@gmail.com;



"verdadeiramente" a expressão em nome de uma pessoa ou grupo, que pode ser compreendido como estar legitimado, autorizado a falar em nome de alguém.

Desta forma, podemos refletir sobre a representatividade como qualidade de estar ou ser exemplo, representar uma causa. Para a agenesia de membros, no ambiente escolar destaca-se a importância de enxergar suas características e capacidades estampadas em livros, filmes, palestrantes, brinquedos, personagens, material didático entre outros.

Nesse sentido, percebe-se a existência de uma grande dificuldade de reconhecimento e representatividade dentro das escolas relacionadas a criança com agenesia de membros, em contraposto ao capacitismo que por sua vez segue enraizado em todos os ambientes sociais. Conforme Mello (2016), o capacitismo é materializado em ações e atitudes preconceituosas. Muito se fala sobre as outras formas de preconceito, mas não se discute sobre a invisibilidade social das pessoas com deficiência, decorrente de um padrão de corpo ideal, de "normalidade" excluindo àqueles que não se encaixam. (GUMIERI, 2016)

Além disso, é importante destacar que a falta de conhecimento sobre os assuntos abordados se destaca como grande impedimento para a total inclusão e naturalização das diversidades.

Por isso, neste cenário a presente pesquisa busca responder a seguinte questão como ponto de partida: Qual a importância da representatividade nas escolas? Além dessa questão surgem os seguintes questionamentos: Como promover ações educacionais que possam alcançar a inclusão das crianças com agenesia de membros por meio de representatividade? De que forma essas ações podem transformar uma sociedade capacitista?

Para tal, deve-se acentuar que a realização dessa pesquisa se justifica em função de sua relevância, buscando verificar fatores que possam contribuir para a inclusão de crianças com agenesia de membros no meio escolar, assim como aos demais ambientes sociais, através da representatividade. Por isso, conhecer a respeito do referido tema e suas contribuições, tanto quanto a sua prática se faz extremamente necessária.

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa bibliográfica e documental que apresenta como objetivo demonstrar a relevância da representatividade nas escolas, sobretudo aos alunos com agenesia de membros, através de estudos e pesquisas que possam contribuir para o reconhecimento da temática exposta.

A metodologia seguida para a construção desse artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica seguida por pesquisa documental, com uma busca intencionada em apontar soluções para a problemática exposta, à partir de estudos anteriores, experiências e leis vigentes, visando a inserção da representatividade como ferramenta na luta contra o capacitismo nas escolas, facilitando a inclusão das crianças com agenesia de membros.

Foi selecionado material para estudo, dentre eles podemos citar as leis de inclusão, revistas, livros e artigos científicos e após a análise do material foi feita a descrição do tema abordado, expondo a problemática, apresentando os resultados encontrados nesta pesquisa e estabelecendo conclusões mediante a concretização da investigação, evidenciando também a dificuldade na elaboração pelo fato de existirem poucos estudos no campo da representatividade para pessoas com deficiência.

REFERENCIAL TEÓRICO

A representatividade é muito discutida em outros movimentos de minorias sociais, mas pouco se fala sobre a representatividade de pessoas com deficiência, principalmente quando se trata de pessoas com agenesia de membros, sendo notório que esse assunto ainda engatinha para uma visibilidade que se faz necessária, principalmente no eixo educacional. É importante lembrar que minoria nesse caso, não se refere à quantidade, mas justamente a essa falta de representatividade das pessoas com deficiência em espaços na sociedade.

Fernanda Tolomei, psicóloga, escritora, primeira campeã brasileira de surfe adaptado e pessoa com agenesia de mão, fala sobre representatividade em seu livro *Tudo no Lugar: Precisamos falar sobre a deficiência, sobre quem somos, o que fazemos. Precisamos ser vistos, pois só assim seremos reconhecidos.* (TOLOMEI, 2016, p.76).

De acordo com o Censo (BRASIL, 2010) divulgado pelo Instituto Brasileiro de geografia e estatística (IBGE) 45,6 milhões de brasileiros possuem algum tipo de deficiência, representando assim 24% da população. Então por que não enxergamos essa representatividade nos espaços públicos, políticos, cargos de liderança, mídias e inclusive no meio educacional? E mesmo quando aparecem na TV ou em revistas não ocupam os espaços de destaque, estando dessa forma em uma posição de representação e não de representatividade, que não é apenas aparecer, mas estar em espaços de decisão e abrir espaços para que outros com as mesmas características também possam vir a ocupar esses lugares.



Na última década, algumas dessas vozes finalmente começam a ganhar lugar de fala em discussões sociais ainda que de forma lenta e gradual. Esses avanços passam a refletir e destacar também a função das escolas nessa luta, fazendo com que as instituições de educação básica dêem um passo em direção a um futuro mais igualitário ao educar as crianças com uma mentalidade plural, incentivando a mudança de mentalidade dos alunos e tornando esses cidadãos em desenvolvimento capazes de construir uma comunidade que respeita o próximo e convive em harmonia com as diversidades.

Para Tolomei (2016), as escolas ainda não estão capacitadas para receber as crianças com agenesia de membros, em aulas como as de educação física, por exemplo, os esportes paralímpicos ainda não são ensinados, tornando difícil um avanço na inclusão, o acesso à informação e representatividade acerca da agenesia de membros. Para que esses avanços aconteçam a escola deve cumprir o seu papel promovendo ações como:

- Palestras e participação de pessoas com agenesia de membros, trazendo aos alunos exemplos e inspirações;
- Abrindo espaços de debates sobre a agenesia de membros;
- Incentivar e encontrar maneiras de conscientizar a comunidade, levando esses debates à espaços públicos;
- Explorar músicas, filmes, livros e outras produções que apresentem a agenesia de membros como elementos;
- Discutir e apresentar personalidades que lutam por representatividade e que podem servir de inspiração para os alunos com agenesia de membros;
- Investir em conteúdos, livros paradidáticos, materiais pedagógicos e brinquedos que possam contribuir para essa representatividade dos alunos com agenesia de membros na escola.

Reforçando esse conceito, Sasaki (2009) enfatiza que é preciso que existam atividades de sensibilização e conscientização, promovidas dentro e fora da escola eliminando preconceito e estimulando a convivência entre alunos com as mais diversas características.

É fundamental trabalhar a agenesia de membros assim como outras diversidades de forma constante e ir além para criar uma educação com representatividade contando com a participação ativa dos diversos agentes que compõem uma comunidade escolar. Tolomei (2016) afirma que algumas crianças nunca tiveram contato com outras pessoas que tenham agenesia de membros, não tendo como se espelhar em pessoas com a mesma vivência.

Deixando em evidência a importância de conviver em grupos onde essas características sejam representadas.



A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em uma de suas diretrizes voltadas à educação Infantil, afirma que as escolas devem fazer com que as crianças possam desde cedo “ perceber que as pessoas tem características físicas diferentes, respeitando essas diferenças.”(EIO2EO05) , e que também possam “ demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros(crianças e adultos) com as quais convive” (EIO3EO05). Promover uma educação que preze pela representatividade das crianças com agenesia de membros fará a diferença na comunidade e futuramente em toda a sociedade.

Através da representatividade temos a oportunidade de garantir às crianças com agenesia de membros maior autonomia e liberdade para que possam se desenvolver. Segundo Tolomei:

Quando as pessoas percebem o jeito positivo de se relacionar, a deficiência deixa de ocupar um espaço de estigma e passa a causar um impacto positivo, tornando a deficiência só mais uma característica no contexto geral em que a pessoa vive.(TOLOMEI, 2016, p. 99).

A representatividade dentro das escolas poder ir muito além de proporcionar ao aluno com agenesia de membros a oportunidade de conhecer pessoas com as mesmas características, pode ser também um caminho pela busca de igualdade na diferença de corpos, transformando uma sociedade capacitista em uma que não enxergue as diferenças como algo ruim, inferior e incapaz, e sim como uma característica como tantas outras que uma pessoa pode ter.

Atualmente, podemos ver algumas personalidades com agenesia de membros inseridas nos mais variados espaços, na TV, nas mídias sociais e no esporte ,como por exemplo, Daniel Toco, jornalista e repórter; a Mariana Torquato, palestrante, ativista e criadora de conteúdo digital sobre deficiência; Fernanda Tolomei, psicóloga, escritora, surfista, além de tantos outros nomes do esporte Paralímpico que trazem essa representatividade, criando visibilidade para a causa da agenesia de membros .

Em entrevista para o *Estúdio News*, em 09 de março de 2021, Daniel Rosinha conhecido como Daniel Toco, jornalista e repórter do Balanço Geral do RJ, pessoa com agenesia de braço direito, diz que desde criança teve que aprender a enfrentar uma sociedade capacitista: “ tem o trabalho interior de falar eu posso, eu me aceito, eu me amo e nada vai me impedir...” . Para ele quando se tem força interior podem existir muitos obstáculos mas você vai conseguir. Sobre representatividade ele acrescenta: “ Eu sou o primeiro repórter com agenesia de membros na TV, eu não tinha referências nela, eu não conseguia olhar e falar que eu conseguiria porque “fulano” já foi” .

Em seu livro : *Tudo no lugar- transformando dor em luta* , Fernanda Tolomei (2016), diz que sempre foi apaixonada por esportes, era o que fazia com que ela se sentisse parte da sociedade e evidencia em suas falas o poder da representatividade na luta contra o capacitismo nas escolas : “ Eu entrava na quadra e as pessoas olhavam com desprezo, às vezes, com indiferença, mas bastava o jogo acabar para ser reconhecida e receber palavras de incentivo.”

Para as crianças com agenesia de membros na escola, o capacitismo se manifesta quando se tem essa criança como incapaz de realizar atividades, de participar plenamente de atividades por achar que ela não vai conseguir, resignar à elas as partes mais “ fáceis” das atividades, jogos , brincadeiras, o que deixa claro a necessidade do uso de ferramentas como a representatividade para desconstruir esses preconceitos.

Sasaki (2014) afirma que mesmo estando na era da inclusão, onde o capacitismo já deveria ter sido banido das nossas práticas sociais, ainda permitimos que este continue agindo, determinando a exclusão das pessoas com deficiência, impedindo- as de exercer ativamente a sua cidadania. Para o autor : “ este é o desafio a ser enfrentado com urgência por todas as sociedades que desejam ser inclusivas.” (SASSAKI, 2014, P.10-12).

Torna-se evidente que a representatividade nas escolas pode ter um papel fundamental para uma verdadeira inclusão das crianças com agenesia de membros, levando- os a uma autonomia e autoconfiança , na certeza de que são capazes e trazendo para os demais alunos a consciência de que a deficiência não é sinônimo de incapacidade. Dessa forma, pode-se transformar a escola em um ambiente igualitário, sem paradigmas e estereótipos, onde ninguém é superior ou inferior por suas características.

Na luta contra o capacitismo, a representatividade deve ser parte fundamental deste processo, deixando em evidência a imensidão de possibilidades e capacidades que uma criança com agenesia de membros pode demonstrar na realização de qualquer tarefa que se propor a cumprir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultados, expõe-se que além da importância em inserir o uso da representatividade como ferramenta de inclusão para a criança com agenesia de membros na escola, também é necessário compreender como o capacitismo pode influenciar os resultados deste processo.



Neste sentido, o presente estudo buscou identificar por meio de pesquisas e análise, componentes que possam evidenciar a significativa importância da representatividade assim como a interferência do capacitismo no processo inclusivo dos alunos com agenesia de membros.

Foram identificados no estudo discutido neste artigo, fatores que nos mostram a urgência de inserir a referida temática em outros campos de estudo além do que foram encontrados, trazendo a tona a representatividade no eixo educacional focada nas pessoas com deficiência, sobretudo às crianças com agenesia de membros, para que se obtenham novas descobertas significativas que possam vir a modificar o cenário atual do objeto aqui exposto.

À partir dessa constatação, tendo em vista que essa representatividade nas escolas ainda não vem sendo amplamente discutida, tão pouco efetiva, seja por falta de políticas públicas específicas ou por falta de conhecimento sobre o referido tema, reforça-se a importância de promover iniciativas e projetos que possam auxiliar na informação e conscientização acerca desta necessidade.

Os resultados identificados neste estudo podem apresentar influências positivas aos examinadores em estudos posteriores, tendo em vista que estudos semelhantes se fazem extremamente necessários para o aprofundamento neste contexto.

Além disso, deve-se considerar que este estudo tem limitações, especificamente pela dificuldade em encontrar estudos e referências específicas acerca do tema em estudo, visto que o mesmo é pouquíssimo explorado, sendo ainda mais escasso tratando-se diretamente da agenesia de membros e sua representatividade.

Sugere-se que estudos futuros se concentrem na compreensão da causa pela qual a representatividade esteja ainda tão pouco evidenciada quando se trata das pessoas com deficiência, especialmente das pessoas com agenesia de membros. Assim como diferentes cenários de análises, devem ser empregados para que se obtenham uma maior visibilidade e avanços consideráveis acerca de pesquisas relacionadas à referida temática .

Considera-se então que a representatividade deve estar presente em todos os espaços sociais, assim como no meio escolar desde a Educação Infantil , trazendo visibilidade para as minorias sociais, especialmente para os alunos com agenesia de membros aqui apresentados, em busca de formar cidadãos respeitosos que enxerguem o outro além de suas características, transformando uma sociedade capacitista em uma sociedade verdadeiramente igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS





Após o presente estudo sobre representatividade nas escolas e seus impactos positivos na busca pela inclusão e transformação de uma sociedade capacitista, conclui-se que as ações propostas demonstram que a representatividade é de grande valia para a inclusão de crianças com agenesia de membros no ambiente escolar, visto que esta traz a visibilidade necessária para que esse aluno possa enxergar suas características como algo que não o define, que não o torna incapaz nem inferior, deixando claro que possui infinitas possibilidades e capacidades que possam levá-los aonde quer que eles queiram chegar.

Destacou-se ainda, que é possível alcançar a almejada inclusão das crianças com agenesia de membros por meio da representatividade através de ações educativas, que envolvam toda a comunidade escolar, levando estas iniciativas além dos muros das instituições de ensino com o objetivo de alcançar toda a comunidade através da informação e da conscientização a respeito das diferenças de membros.

Conclui-se que estas ações podem trazer uma significativa transformação na sociedade, abrindo caminhos para um novo modelo de igualdade, onde o capacitismo possa finalmente sair de cena, dando espaço para o respeito às diferenças de membros. E que as crianças com agenesia de membros possam enxergar pessoas com suas características ocupando os mais diversos espaços de destaque na sociedade, sendo representadas na TV, nas revistas, jornais, livros, vídeos, filmes, desenhos, nos cargos de empresas, na política, no esporte, na arte etc.

E que esta representatividade possa também estar presente nas escolas desde os primeiros anos, fazendo a diferença na formação destas crianças e transformando o mundo num lugar onde não se necessita mais lutar tanto por algo que é direito de todos, com deficiência ou sem deficiência, que exista o respeito, a dignidade e a igualdade.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069 de 13 de junho de 1990.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96.

BRASIL, **Ministério da Educação**. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. 07 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducoespecial.pdf>. Acesso em 24 de agosto de 2021.

BRASIL, **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.



ESTUDIO NEWS. **Debate sobre a visão da sociedade sobre pessoas com deficiência .** Disponível em: <https://equalweb.com.br/estudio-news-debate-visao-da-sociedade-sobre-pessoas-com-deficiencia/>.

FONSECA, J.J.S. **Metodologia da Pesquisa Científica.** Fortaleza: UFC,2002. Apostila.

GIL, A.C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa.** São Paulo. Atlas: 2002.

GUMIERI, Sinara. **Jogos Paraolímpicos: é hora de aprender o que significa capacitismo.** Disponível em: Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2016/08/30/jogos-paraolimpicos-e-hora-de-aprender-o-que-significa-capacitismo/>>. Acesso em 24 de agosto 2021.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE,2012.

MELLO, Anahi Guedes de(2016). **Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC.** Ciência e Saúde coletiva 21(10). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/141381232015211007792016>

SASSAKI Romeu Kasumi. **Capacitismo, incapacitismo e deficientismo na contramão da inclusão.** *Revista Reação*, ano XVII, n.96, jan./ fev. 2014, p. 10-12. Atualizado em 1º/ maio/2020. Disponível em: <https://www.sociedadeinclusiva.com.br/2020/05/01/capacitismo-incapacitismo-e-deficientismo-na-comtramao-da-inclusao/>.

SZYMANSKI, H. Relatório de pesquisa. **A Constituição de um ambiente de representatividade numa EMEF:** um estudo fenomenológico, 2014.

TOLOMEI, Fernanda Rego. **Tudo no lugar: Transformando dor em luta.** Ed: Fernanda Tolomei/ Terapia Diversa. 2º edição. Rio de janeiro(13 janeiro 2019) .